

**TECENDO A VIDA E A LUTA:
CONDIÇÕES DE VIDA E REIVINDICAÇÕES DE TRABALHADORES
TÊXTEIS EM MONTES CLAROS/MG**

Valéria de Jesus Leite ¹

Resumo: Este trabalho teve como objetivo tratar de aspectos relativos às vivências de trabalhadores têxteis em Montes Claros, MG, explorando um momento particularmente fecundo para esses trabalhadores: uma greve ocorrida entre os dias 30 e 31 de maio de 2008. Partindo desse momento, tentamos alargar nossa visão sobre a classe trabalhadora, extrapolando a relação entre esse trabalhador e a fábrica, para compreendermos suas movimentações, a fim de verificarmos como acontecem os enfrentamentos das questões cotidianas na busca pela constituição de territórios de expressão sociopolítica, o que nos levou a reconhecer no social uma diversidade mais ampla.

Palavras-chave: trabalhadores, trabalho, Montes Claros.

Abstract: This study aimed to address issues relating to the experiences of textile workers in Montes Claros, MG. Exploring a particularly fruitful time for these workers, a strike occurred between days 30 and May 31, 2008. From this moment we have tried to expand our view of the working class, surpassing the relationship between the worker and the factory, to get to their way of life, examining in a closer way the social relationships that form between them and society, which led us to recognize the social diversity in a broader way.

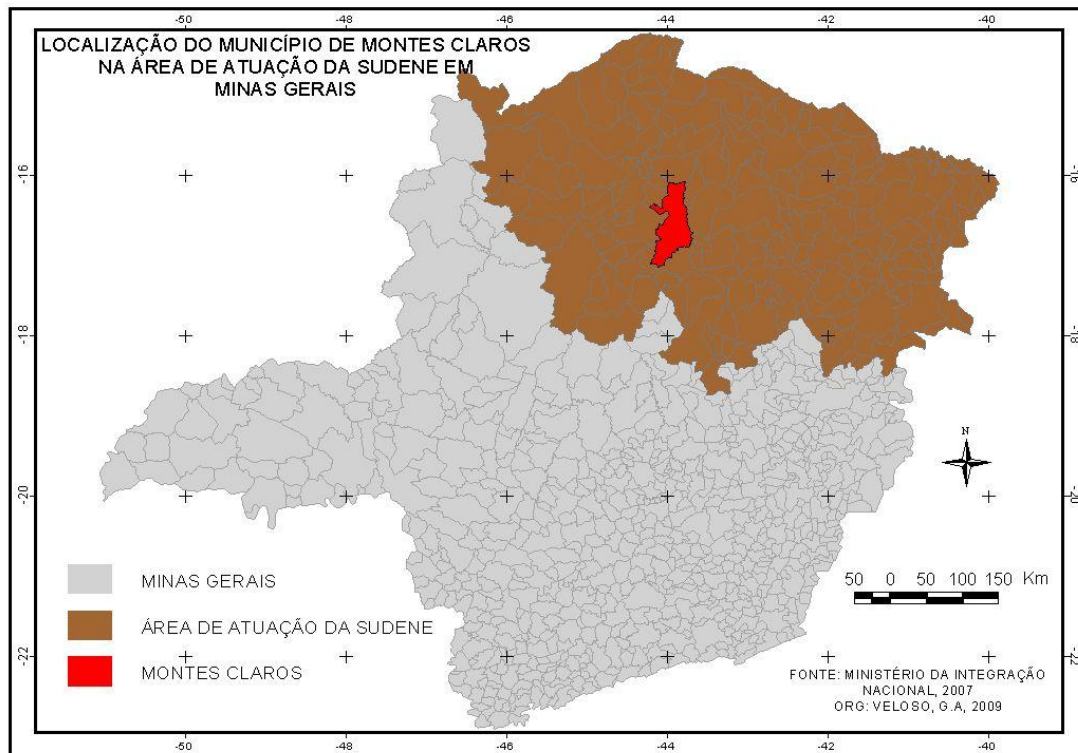
Keywords: workers, labor, Montes Claros.

Este artigo tem como objetivo tratar de aspectos relativos aos modos de vida dos trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG. É, especificamente, uma tentativa de apreender as vivências desses trabalhadores, articulando a paralisação ocorrida nos dias 30 e 31 de maio do ano de 2008, na Companhia Têxtil do Norte de Minas (COTENOR), uma das unidades fabris do grupo Coteminas. A partir desse momento particularmente fecundo é que tentamos captar os vários significados das relações sociais engendradas no interior do ambiente de trabalho e como esses fatos influíram na vida além da fábrica. É uma proposta de, antes de tudo, compreender como os trabalhadores disputam seu espaço e constroem a cidade e, para isso, tentamos apreender as tensões e os conflitos que se manifestam diariamente nas relações sociais vividas dentro do ambiente de trabalho e o significado disso em outros momentos da vida desses trabalhadores.

O espaço comum compartilhado por esses sujeitos sociais é a cidade de Montes Claros e, em algum momento de suas vidas, as unidades têxteis do grupo Coteminas – Companhia Têxtil Norte de Minas. Montes Claros é uma cidade considerada de porte médio, com uma

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia é, atualmente, professora formadora na Universidade Estadual de Montes Claros/Universidade Aberta do Brasil.

população de 352.384 mil habitantes (MONTES CLAROS POTENCIALIDADES, 2008), localizada na parte norte do Estado de Minas Gerais. É definida pela atual administração como “cidade pólo de uma importante região; sede de grandes indústrias de renome nacional; centro universitário em franco crescimento; cidade da arte e da cultura e com uma infraestrutura invejável” (PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS). Muitos autores que tratam de Montes Claros sugerem que foi a partir da década de 1960 que a cidade e a região Norte de Minas Gerais tiveram seu desenvolvimento impulsionado pelo governo federal. Contudo, Pereira enfatiza em sua tese de doutorado que, décadas antes, as elites locais já se articulavam para fazer de Montes Claros um importante centro urbano (PEREIRA, 2007: 38-84). Assim, a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE – em 1959 – projeto do governo federal que pretendia alavancar o crescimento do país, corrigindo as disparidades regionais, sobretudo dos estados que hoje conhecemos como Nordeste, em relação ao Centro-Sul – foi importante no sentido de consolidar o objetivo dos grupos políticos locais.² Abaixo temos um mapa contendo a localização de Montes Claros na área mineira da SUDENE.



Mapa: localização de Montes Claros na área mineira da SUDENE.

Em se tratando da Companhia Têxtil Norte de Minas, esta foi mais um dos grandes projetos aprovados pela SUDENE na década de 1960. Idealizada por Luís de Paula Ferreira, político e empresário local, em seu início tinha como sócio o também empresário José

² Esta é a versão oficial a respeito da SUDENE. Para uma melhor compreensão da questão uma boa leitura é OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**: SUDENE, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Alencar da Silva e Ivan Müller Botelho. Inicialmente com 308 funcionários, hoje o Grupo Coteminas possui cinco unidades em Montes Claros, empregando aproximadamente três mil e seiscentas pessoas. Ao todo, são onze unidades no Brasil e nove no exterior. Seus produtos estão presentes nos Estados Unidos, Europa e Mercosul (Mercado Comum do Sul), sendo que, em 2005, adquiriu o controle acionário de um grupo americano, a Springs, tornando-se uma das maiores produtoras do setor (INFORMATIVO COTEMINAS, abr/mai/jun. 2008). Dessa forma, o grupo Coteminas em Montes Claros foi o ponto de partida para que se pudesse chegar à dinâmica das relações sociais que de fato interessam, ou seja, o modo de vida dos trabalhadores têxteis e suas relações.

As fontes para este texto foram os relatos orais dos trabalhadores, além de jornais impressos e eletrônicos. Para seguir adiante com esta proposta de trabalho, a história oral foi uma importante aliada, uma ferramenta que nos permitiu adentrar de maneira mais intensa no cotidiano desses trabalhadores, para aí tentarmos perceber como são criadas as estratégias de sobrevivência, as lutas, as resistências, as sociabilidades.

Dessa forma, foi possível compreender como os fios da vida se entrelaçam e se arrebitam, em relações muitas vezes tensas e conflituosas, e também como se fortalecem com o companheirismo, com a amizade e com os enfrentamentos próprios da classe. Portanto, para que a pesquisa fosse levada a cabo, foi de extrema importância manter um diálogo com esses sujeitos sociais.

Nesse sentido, foram extremamente significativos os textos de Alessandro Portelli, Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Khoury. Portelli nos convida a utilizarmos as fontes orais como um recurso que nos possibilite ver a vida por dentro. O que quer dizer que através da história oral temos a chance ímpar de ver a vida cotidiana, pois “ao organizarem uma narrativa acerca do seu dia-a-dia os narradores nos dizem muito sobre onde está o sentido desta vida” (PORTELLI, 2005: 296-313). As memórias, ressalta Portelli, são diferentes e, mais que uma memória coletiva, o que vemos é que há um horizonte de memórias possíveis. Portanto, ao utilizar os relatos orais nunca devemos nos esquecer de que há pessoas, há gente, há vida, enfatiza Portelli.

Os textos produzidos por Yara Khoury (KHOURY, 2005: 116-118) e Paulo Almeida (ALMEIDA, 2005: 139-154) servem de inspiração na medida em que propõem tais fontes como um momento em que os sujeitos sociais exercem o direito de falar. Nesse caso, o seu uso possibilita uma história mais aberta e plural. Isso porque, ao falarem, as pessoas expressam de maneira mais significativa os seus valores, suas expectativas e suas frustrações.

Narrando a partir do momento presente, os vários trabalhadores entrevistados falaram sobre suas expectativas, seus problemas, seus valores e sobre os sonhos que norteiam as suas vidas. Isso nos permite dizer que as fontes orais se caracterizaram como um meio importante para que fossem percebidas as convergências, as divergências, os direcionamentos apontados por cada um, sempre levando em conta que são pessoas com interesses vários e diferentes. Outrossim, a narrativa faz com que o narrador, ao mesmo tempo em que reorganiza sua experiência de vida na cidade, traga de volta suas expectativas e as razões de sua vinda, formulando assim uma consciência de sua realidade.

Dito isso, voltemos ao tema central deste texto. Partiremos de um fato ocorrido em uma das unidades do grupo Coteminas, nos dias 30 e 31 de maio de 2008, para captarmos aspectos relativos aos modos de vida dos trabalhadores têxteis.

Em fevereiro de 2008, a mídia montes-clarense, através dos jornais impressos e eletrônicos, informava sobre a possibilidade de o grupo Coteminas demitir 20% dos seus funcionários, o que equivalia em média a 800 trabalhadores. Tais notícias fizeram com que o então prefeito de Montes Claros, Athos Avelino, convocasse os diretores da Coteminas para uma reunião em seu gabinete para que explicassem as notícias veiculadas na cidade. O jornal de Notícias, em sua edição de 09 de fevereiro de 2008, informou que nessa reunião os diretores da empresa negaram a paralisação de suas atividades na cidade e frisaram que a demissão dos funcionários acontecia em virtude do processo de modernização por que passava o setor de fiação da unidade Companhia Têxtil Norte de Minas – Cotenor. (JORNAL DE NOTÍCIAS, 9 fev. 2008: 7).

Como previsto, as demissões aconteceram; não de uma só vez, os trabalhadores foram demitidos em grupos. Na esteira desses acontecimentos, a direção do grupo Coteminas, ainda em 2008, informou aos funcionários que cortaria alguns dos benefícios e mudaria a forma de pagamento de outros. Em virtude disso, um grupo de trabalhadores da unidade Cotenor, não satisfeitos com as determinações da empresa, paralisou parcialmente suas atividades, nos dias 30 e 31 de maio de 2008, com o intuito de reverter aquela situação. A movimentação dos trabalhadores prolongou-se durante a semana seguinte com um grupo de trabalhadores protestando em frente à unidade Cotenor. Todo o suporte para a paralisação e manifestação foi dado pelo então vereador Lipa Xavier e pelo Sindicato dos Professores da Rede Particular de Ensino – Sinpro.

Independentemente da maneira como ocorreu a paralisação, da participação de políticos e de outros sindicatos, ou mesmo de sua fragilidade enquanto movimento, esse foi um momento particularmente importante para os trabalhadores. Portanto, tentaremos, a partir dessa paralisação, vislumbrar outros sentidos não em torno desse momento específico, mas da complexidade das relações sociais vividas no trabalho, mais especificamente do que essa paralisação significou para todos os trabalhadores.

Escolhemos as perspectivas da História Social vista de baixo para orientar esta pesquisa. Isso significa que partimos do suposto de uma sociedade de classes, de tensão e conflito, de dominação, mas também de luta e resistência, com limites e pressões. Nesse sentido, estabelecemos um diálogo com historiadores comprometidos com o enfrentamento dos problemas advindos dessa sociedade desigual e que, por meio das práticas sociais, buscam renovar o materialismo histórico. Aqui, especialmente as proposições de Thompson nos lançam o desafio de construir um diálogo fundamentado no entendimento de que:

a prática histórica está, [...] empenhada nesse tipo de diálogo, que compreende: um debate entre, por um lado, conceitos ou hipóteses recebidos, inadequados ou ideologicamente informados, e, por outro, evidências recentes ou inconvenientes; a elaboração de novas hipóteses; o teste dessas hipóteses face às evidências, o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes, mas de novas maneiras, ou uma renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que não suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daquelas que a suportam, à luz desse ajuste (THOMPSON, 1981: 54).

Essa perspectiva nos fez perceber a importância de se construir uma história em que os sujeitos sociais estejam presentes, de se construir uma história em que a relação entre teoria e fonte seja constante, e, principalmente, em que a teoria não seja objeto de reverência

servil, mas que sirva para aprimorar cada vez mais a prática histórica. E, sobretudo, consideramos que esses instrumentos devam ser investigados seguindo o desafio proposto por Williams de que todo conceito deve ser encarado não como um conceito, mas como um problema (WILLIAMS, 1979: 15-26).

A paralisação parcial promovida por alguns trabalhadores fez com que o conjunto dos trabalhadores têxteis do grupo Coteminas, em Montes Claros, ganhasse certa visibilidade na mídia local e também nacional. Inúmeras foram as reportagens nos jornais impressos e eletrônicos que informavam sobre a paralisação dos trabalhadores. Frases como “audiência na câmara para discutir demissões na Coteminas” (O NORTE.NET, 14 fev. 2008) ou “demissões da Coteminas chegam a Brasília” (O NORTE.NET, 16 fev. 2008) foram comuns naquele momento.

Contudo, para além do que a imprensa veicula, o importante para nós historiadores é perceber como esses trabalhadores – pessoas comuns que se entregam a uma jornada diária de sacrifícios – vivem, reinterpretem, reelaboram suas experiências e projetam seu futuro. Dessa forma, teremos elementos que nos possibilitem compreender melhor as muitas dimensões do social vivido e compartilhado, além de podermos apreender, como nos instiga Yara Khoury, a maneira como esses sujeitos buscam alternativas presentes na realidade social e como lidam com questões que envolvem a luta diária pela constituição de territórios de expressão sociopolítica (KHOURY, 2006: 22-43).

Sabemos que as notícias veiculadas pelos jornais tendem a opacizar as relações sociais, já que os trabalhadores são tratados pela mídia de forma genérica. Com isso as relações sociais construídas em um espaço comum de disputa, de luta, de resistência e, por vezes, de acomodação são preteridas, abrindo espaço para questões de maior impacto, como a migração, a pobreza ou a inércia da classe trabalhadora. Foi nesse sentido que, em 1 abril de 1979, o *Jornal Diário de Montes Claros* trouxe um artigo assinado por Mércia Maria Fagundes, assistente do GREIS – Grupo Regional de Integração Social. O título, em letras garrafais, questionava “é este o progresso que Montes Claros queria?” e trazia um balanço dos quinze anos de atuação da SUDENE na área Mineira do Nordeste, momento em que a autora criticou duramente a forma como vinha ocorrendo o processo de industrialização na cidade, isto é, completamente “inadequada a sua realidade” (DIÁRIO DE MONTES CLAROS, 01 abr. 1979)

A autora apontou as consequências negativas de uma industrialização não planejada, somadas à desilusão do homem do campo que vem para a cidade em busca de melhores condições de vida, e que, conseqüentemente, transformaram Montes Claros numa cidade de favelas. Dentre outros apontamentos, Mércia Maria Fagundes escreveu:

Assim começa a chegar o homem do campo, já pressionado por uma estrutura injusta ali; os estímulos da cidade industrial o atraem e ele migra na esperança de satisfazer suas aspirações a um melhor nível de vida. Entretanto a realidade é bem diferente: nem sempre a pessoa que chega de fora está qualificada a trabalhar dentro de uma indústria. Imagine o que o nosso camponês (um homem que durante toda a sua vida lavrou a terra e cuidou de animais) sabe fazer numa Transit, numa Coteminas, numa Fuji Eletric, numa Biobrás. (DIÁRIO DE MONTES CLAROS, 1 abr. 1979)

Matérias como essas foram comuns na mídia montes-clarense a partir dos anos de 1960 e se intensificaram nos anos de 1970, período considerado pelos estudiosos locais como

de intensas transformações. Percebemos que ao tentar explicar a dinâmica social do momento, as reportagens na imprensa sempre “denunciavam” o aumento da mendicância pelas ruas da cidade, o crescimento das favelas, além de alertar para o fato de Montes Claros ter se transformado no “eldorado” da região (DIÁRIO DE MONTES CLAROS, 12 jun. 1977). Falando sobre os primeiros tempos na cidade, muitos desses trabalhadores não deixaram de apontar as dificuldades encontradas; no entanto, ressaltam que se adaptaram e trabalharam por vinte e oito, trinta, trinta e dois anos nas indústrias de Montes Claros, neste caso específico na Coteminas. Seu Dedé, 28 anos de trabalho na Coteminas, ao lembrar os primeiros momentos na cidade e no trabalho, ressaltou que:

no início eu estranhei né? Estranhei um pouquin... depois eu casei, [...] todo mundo veio pra cá, [a família] eu entrei no serviço, eu pensei: vou ficá não... mas depois eu fui vendo, saí do serviço pesado que eu fazia na roça, entrei na firma fazendo quase nada, mexendo com uma máquina lá, depois eu fui acostumano, mais no início a gente, né? (CARDOSO, 2008)

Hoje, ao lembrar e avaliar os primeiros tempos na cidade, Seu Dedé não nega as dificuldades, ao contrário, ressalta o estranhamento inicial; contudo as responsabilidades adquiridas com o casamento e os filhos foram importantes para que ele se adaptasse à nova vida. Nesse sentido, a cidade surge como aquele lugar onde os seus problemas poderiam ser resolvidos. Esse estranhamento inicial é minimizado quando vêm as conquistas, aqui traduzidas na casa, na família, no trabalho, “depois eu casei [...] todo mundo veio prá cá [...] depois eu fui acostumano” (CARDOSO, 2008). Percebemos aqui uma das principais dimensões das pesquisas com fontes orais: por ela podemos apreender a maneira como os sujeitos sociais enfrentaram mudanças repentinas em suas vidas. Por isso abordar as movimentações dos trabalhadores, seus sonhos, decepções, visto que isso é parte de um processo que busca compreender como esses sujeitos enfrentam as questões cotidianas, ao mesmo tempo em que constroem os seus territórios de expressão sociopolítica.

Mércia Maria Fagundes, autora do texto cujo fragmento apresentamos anteriormente, não consegue compreender o que “um homem que durante toda a sua vida lavrou a terra e cuidou de animais sabe fazer numa Transit, numa Coteminas, numa Fuji Eletric, numa Biobrás” (DIÁRIO DE MONTES CLAROS, 1 abr. 1979). Extrapolando as críticas feitas por Mércia Maria Fagundes sobre o processo de industrialização de Montes Claros, o importante foi perceber que, mesmo sentindo as agruras de uma mudança abrupta, essas pessoas lutam e vivem e se adaptam a sua nova vida – em geral muito mais leve do que a anterior –, pois, certamente, é muito mais fácil trabalhar à sombra, com carteira assinada e, em certa medida, com algumas garantias, do que aguentar diariamente, como disse Seu Dedé, “o serviço pesado” da roça. Sob essa ótica, as entrevistas que realizamos com alguns trabalhadores são significativas e intensas, pois nos permitem apreender singulares vislumbres de uma vida que foi deixada para trás e de outra que ora se conforma. Por elas pudemos perceber os conflitos e tensões que perpassam as relações sociais construídas e vividas na cidade.

Assim foi também com a narrativa de Maria dos Santos Silva. Esta chamou-nos a atenção, por se mostrar representativa de um social tenso e conflituoso. Maria estava no grupo Coteminas desde março de 1995, depois que resolveu deixar a zona rural de Claro dos Poções, no Norte de Minas, e seguir para Montes Claros em busca de trabalho e uma vida menos sofrida e foi demitida em 11 de junho de 2008 por conta de sua participação na

manifestação. A entrevista transcorreu de forma tranquila, uma vez que a entrevistada se mostrou com muita disposição, não só para responder aos questionamentos, mas também para ir além, revelando detalhes de sua vivência na fábrica, mesmo que em alguns momentos se mostrasse um pouco nervosa diante do gravador. Questionamos sobre os primeiros momentos na cidade, ao que ela respondeu:

Tudo no início é difícil, é diferente, entendeu? Não deixa de não ser diferente, mas logo eu me adaptei. Hoje, se for pra mim adaptar lá, eu acho mais difícil do que me adaptar aqui. Eu vou pra lá, fico lá três dias, fico doidinha pra voltar, mas eu não esqueci aquela coisa, eu chego lá, eu trabalho na roça, eu ajudo na roça (SILVA, 2009).

Desta forma a narradora apresenta sua chegada a Montes Claros: “tudo no início é difícil”, porque é “diferente, mas logo eu me adaptei” (SILVA, 2009). Embora a vida na cidade exija novos hábitos, Maria enfatiza que “hoje se for pra mim adaptar lá [na roça], eu acho mais difícil do que me adaptar aqui” (SILVA, 2009). Essas diferenças também estão presentes no trabalho, e Maria faz questão de ressaltá-las. Quando questionada sobre qual serviço desempenhou quando começou a trabalhar na Coteminas, ela disse:

fui trabalhar com as máquinas. Aquele serviço assim que... a única diferença que tinha da roça pra lá era que eu trabalhava na sombra e de carteira assinada. Porque sobre trabalhar... na Coteminas eu trabalhava pra dois entendeu? Eu trabalhava na minha função e na função de outro. No meu início de trabalho foi assim” (SILVA, 2009).

O Sr. Joanes Pereira, morador do bairro Eldorado e trabalhador da Coteminas há 32 anos, faz uma leitura interessante ao se pronunciar sobre quando começou a trabalhar: “até que eu não estranhei não, porque eu... assim... quem trabalhou na roça não estranha nada, porque tudo pra ele é novidade, né? Ele acha um pouco estranho assim, porque o serviço é bem mais leve” (PEREIRA, 2008). Percebemos então que, diferentemente do que escreveu Fagundes, essas pessoas se adaptaram ao serviço, não somente na Coteminas, mas também na Transit, na Biobrás, e em outras.

A narrativa de Maria dos Santos Silva foi significativa em vários sentidos. Ao responder aos questionamentos, ela nos ofereceu uma narração rica em detalhes que possibilitou uma melhor compreensão sobre as questões relativas ao trabalho e à maneira como isso traz implicações em toda a sua vida. Sobre esse momento específico de sua vida, a revolta e o ressentimento com os fatos acontecidos no trabalho influenciavam sua fala. Por isso, durante toda a sua narrativa, ela sempre buscava o caminho da fábrica. Após perguntarmos sobre sua família, pai, mãe e irmãos, Maria respondeu:

Tem; pai e mãe, irmãos. Que mora aqui só tem eu e outra que trabalha lá na Lençol e essa aí [na hora uma das irmãs entrou em casa] elas são gêmeas, ela e a outra, eu sou mais velha. Aí eu vim e ela veio. É igual.. **voltando ao caso..** eu jamais vou falar mal da empresa, cê ta entendendo? A empresa é uma empresa boa, emprega muita gente, ajuda muita gente. A única coisa que eu falo é das pessoas que têm como direção a empresa, que dirige a empresa, que podia assim ser mais digno, ser mais educado. [...] (SILVA, 2009).

Ao narrar, as pessoas definem níveis e modos em torno dos quais organizam suas histórias e cada pessoa organiza sua fala tendo como referencial uma trajetória específica para ser contada. Isso depende muito da maneira como o entrevistador conduz a entrevista e, também, do que o narrador deseja contar. Também por esse prisma, a entrevista com Maria foi muito interessante, haja vista que sempre que tentávamos direcionar a narrativa para outros assuntos, que não os do trabalho, ela fazia o caminho da fábrica: “É igual... voltando ao caso... eu jamais vou falar mal da empresa [...]” (SILVA, 2009) e isso aconteceu muitas vezes no decorrer de sua narrativa. Voltar a esse caso específico, às experiências vividas no trabalho, significa trazer à tona toda uma historicidade que não se inicia e tampouco se encerra com a paralisação. Esse ir e voltar no tempo, essa constante necessidade em voltar para a fábrica evidencia de forma clara o seu ressentimento com as pessoas “que têm como direção a empresa, que dirige a empresa” (SILVA, 2009).

Por conta disso, a fala de Maria soa mais como uma denúncia, um desabafo, um momento para expressar toda a sua indignação com a empresa em que trabalhou por mais de dez anos. Sua narrativa está toda voltada para os acontecimentos relacionados a esse momento específico de sua vida e o seu espaço de referência está circunscrito ao ambiente de trabalho e às relações sociais experimentadas nele. Isso é muito significativo se considerarmos que ela acabou de ser demitida e é em virtude disso que ela traz para a narrativa todo esse histórico de exploração, de indignação e revolta. E é também por conta disso que ela faz o caminho de volta para a fábrica.

Além desses aspectos relacionados intrinsecamente ao trabalho, Maria, ao narrar sua história, nos brinda com uma narrativa extremamente rica em detalhes e que nos diz muito mais sobre a vida fora da fábrica, sendo que suas respostas sempre foram além, descortinando relações tensas e conflituosas. Ao perguntarmos sobre família, filhos e casamento, sua resposta foi rápida: “tenho uma mocinha, não sou casada, sou amasiada. Amasiada não... amasiada é quando cê é casada e ajuntada de novo... então eu sou só juntada”. Em seguida, ela retoma o assunto de seu interesse, sempre em tom de denúncia e revolta:

Mas é isso aí... aí eu saí de lá dia 11 de junho de 2008... referente.. não, eu já tava tendo alguns problema lá dentro entendeu? Toda vida eu tive problema dentro da empresa. Eu sou o tipo da pessoa.. não é falar que.. é o tipo da pessoa.. aquela que não leva desaforo pra casa, é o modo de dizer, entendeu? A gente via muita irregularidade dentro da empresa, tinha muitos que tinham coragem de falar e muitos que não tinham, entendeu? E eu sou daquelas que não deixa pra amanhã, o que tem de resolver hoje nós vão resolver hoje. Muitas vez eu cheguei a entrar em atrito com encarregado por causa de outros funcionário, entendeu? Por que eu via, eu via a irregularidade, eu via eles prejudicando as pessoas, eles via também, mas não tinha coragem de se tocar e se reclamar, cê ta entendendo? Eu já fui à briga, eu já fui à luta por causa dos outros.. e não me arrependo. Eu arrependia assim, se eu ficasse calada e deixasse o erro na minha frente sem eu bater com a língua... modo de dizer. É tanto que eu trabalhei esse tempo inteiro por causa dos outros e de mim também, lógico.. nós fizemo a manifestação no dia 30.. acho que foi dia 30 de maio de 2008, entendeu? É... como é que fala? Reivindicando.. reivindicando uma coisa que era nossa.. não que eles dava pra nós, mas que nós lutava pra conseguir.. o que simplesmente chega e fala de hoje em diante acabou... a mesma coisa de cê tirar o peito da boca do menino.. não vai mamar mais, cê entendeu? E a gente fez uma reivindicação lá.. reivindicação essa que foi muita gente pra

rua. Só que antes, em fevereiro de 2008, eles tinha mandado 800 funcionário embora, como saiu na mídia, saiu no jornal, saiu ni tudo, entendeu, então eu como já tava com o pé pro lado de fora mesmo, que eu sabia que eles iam me mandar embora a qualquer momento, que eu tava tendo problema lá dentro com encarregado. Sabe aquela coisa que todo dia cê chega e tem um lugar pra trabalhar? Hoje cê vai fazer isso... hoje cê vai fazer aquilo... é tipo assim... aquela pessoa que cobre a falta dos outro, entendeu? (SILVA, 2009).

Quando questionamos sobre como organizaram e iniciaram a paralisação, sua resposta foi extremamente significativa, pois girou em torno de mudanças importantes para a classe trabalhadora, mudanças que transformaram o dia a dia daquelas pessoas. Mais uma vez as questões abordadas por Maria nos dizem muito mais sobre o processo vivido do que sobre o momento da paralisação:

A manifestação foi uma paralisação. [...] Na quinta feira eles chamaram todos os funcionários e falou assim: gente... Quando eu entrei a gente tinha um subsídio, em 1995 tinha um subsídio de 30%. O que que era subsídio de 30%? Se eu... vale armazém na época... se cê comprasse 100,00 real, cê tinha um subsídio de 30%, então cê pagava 70,00 reais. Se cê consultava, cê tinha subsídio de 30%, se cê pegasse um remédio na farmácia 30%... mexeu e virou lá, acho que foi lá depois de 98 eles caiu esse subsídio pra 26%. Aí já diminui, 4% eles já comeram e foi enrolando, foi enrolando, foi enrolando, quando passou mais uns três anos, eles caiu pra 23%... já foi sete né? Aí simplesmente agora dessa vez... tentaram anteriormente aí 2000, 2001 por aí eles tiraram o sacolão... o povo da Cotenor, eu trabalhava na matriz, o povo da Cotenor fez uma manifestação lá, ameaçaram eles. Ou vocês devolve o sacolão pra nós ou nós vão parar a fábrica. Eu acho que eles se sentiram com medo... sei lá o que que foi, aí dois mês seguinte eles deu o sacolão. Aí nós tava trazendo três sacolão, né, que era pra repor o que eles tinha descontado atrás. Eles acharam que tava pouco... realmente veio a crise, né, como diz eles, mas no início eles mandaram essas 800 pessoas embora. Aí acharam que não tava bom, lá vêm eles com mais corte. A tal de redução de custos, né, reduzir os custo deles, o deles, né? Porque o nosso nem se fala. Lá tem uma tal de premiação chamada o prêmio de maio deles, só que a verdadeira palavra não é prêmio de maio, todo mundo sabe... é participação de lucro empresarial, uma coisa assim, né? Só que lá pra eles é prêmio de maio. Quem tinha acesso a esse prêmio? Cê podia trabalhar 364 dias por ano, se você falhasse um, você perdia. Cê podia produzir 100% 364 dias por ano, se cê deixasse de ir um dia ou pegasse um atestado, você perdia. Aí lá vai Maria... 95, 96... brigava em 95 levava suspensão, ia pra casa, brigava mais chefe, brigava mais diretor, porque eu era terrível. Aí perdi 95, 96 eu não peguei, 97 eu não peguei, quando foi 98 eu peguei. Aí eu vim 99, 2000, 2001, e a cada cinco anos o prêmio dobrava de valor, por exemplo: o primeiro ano era um... antes não era em dinheiro, era um prêmio avaliado em um salário mínimo, podia ser um fogão, mil tijolos, alguma coisa que chegasse ao valor de um salário mínimo. Só que era em bens materiais. Aí com cinco anos que cê trabalhasse sem faltar, sem pegar atestado esse prêmio ia pra três salários mínimos, que foi o que eu já tava pegando. Aí passaram... três anos aqui atrás eles começaram a pagar, acho que de 2005 pra cá eles começaram a pagar em dinheiro. Que todo mundo reclamou: ah não, eu já tenho sofá, eu já tenho mesa, eu já tenho geladeira, pra que que eu quero mais? Não, nós qué o dinheiro. Aí eles resolveram pagar em dinheiro. Tudo bem. Aí quando chegou agora nessa manifestação foi isso. Simplesmente eles chamou na sala e falou: gente, o negócio é o seguinte, a empresa tá em dificuldade, a crise tá aí, nós não tá conseguindo vender, as máquina tá produzindo má qualidade e não sei o que e blá blá blá e tanta

coisa, negócio é o seguinte: nós vão cortar os dois sacolão, nós vão tirar o subsídio e vão dá 13%, nós vamo tirar o subsídio total do vale, não vai ter subsídio de vale nenhum, se você comprar 200,00 reais cê vai pagar 200,00, farmácia vai ter 13%, consulta 13%. O prêmio de maio que é o verdadeiro prêmio de maio, Senhorita Maria dos Santos, se você tava pegando, a última que eu peguei foi 996,00 real que foi os três salário mínimo... não era os três salário mínimo, era 80% de um salário mínimo e eu pegava três, né, então eu pegava 80% dos três salário mínimo que deu 996,00 real, a Senhora vai pegar quatrocentos e pouco. Aí eu falei: não, mas aí caiu muito. Não, mas é assim ou cê queira ou não queira, o papo é esse. [...] ou cês pega, ou cês não pega.[...] Quem não tiver satisfeito com a nova lei cai fora, a porta da frente é a serventia da casa... era assim. Aí nesse dia, isso foi dia 30, foi dia 28 de maio de 2008 chamou na sala e deu essa notícia. Mais antes deles chamar nós e avisar tem a tal da rádio pioneira né, que um fica sabendo e fica espalhando e fica comentando... não! Se acontecer isso nós vão parar, vão parar esse trem (SILVA, 2009).

Nesse sentido, Maria relata as transformações ocorridas em sua vida quando ainda trabalhava no grupo Coteminas. Tendo como base as mudanças que afetaram o seu dia a dia, ela explica com detalhes: “Em 1995 tinha um subsídio de 30%. Se cê comprasse 100,00 real cê tinha um subsídio de 30%, [...] mexeu e virou lá, acho que foi lá depois de 98 eles caiu esse subsídio pra 26%” (SILVA, 2008). Maria faz o que Portelli chama de movimento da lançadeira, em que o narrador traz para a narrativa uma série de exemplos de forma a fundamentar a sua fala (PORTELLI, 2005: 302). Neste caso, o que fundamentou sua fala foram as mudanças no trabalho, que afetaram de maneira concreta a sua vida.

Ao trazer à tona as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores da Coteminas durante a década de 1990, Maria nos dá a dimensão de como as transformações ocorridas em âmbito global transformaram o cotidiano dos trabalhadores. As constantes perdas sofridas, sobretudo com relação aos benefícios, em que Maria destaca a redução nos subsídios, as mudanças no critério para pagamento do prêmio de maio, o corte da cesta básica por um cartão de valor fixo, indicam um período difícil para os trabalhadores como um todo. Os anos de 1990 não tiveram um saldo positivo, principalmente devido às transformações nas relações de trabalho, que em maior ou menor intensidade trouxeram consequências nada favoráveis aos trabalhadores (MATTOS, 2002: 77-103).

A possibilidade iminente da perda do emprego foi uma constante, sobretudo devido ao refluxo industrial e à introdução de novas tecnologias poupadoras de mão de obra. As novas configurações sociais trouxeram consequências perturbadoras para a classe trabalhadora, principalmente com as mudanças nas formas de gerenciamento do trabalho, que exigia do trabalhador ser multifuncional, polivalente, o que implicava uma necessidade constante de aperfeiçoamento, questões ainda muito vivas no cotidiano dos trabalhadores hoje.

O governo de Fernando Henrique Cardoso deu continuidade às reformas neoliberais iniciadas por Collor de Melo, como a política de privatização, redução dos investimentos do Estado em políticas sociais, redução dos direitos de seguridade e trabalhistas, refletindo negativamente sobre a classe trabalhadora como um todo. Todas essas implicações negativas ocorridas em nível internacional e nacional influíram no cotidiano dos trabalhadores e estão presentes em suas narrativas.

Foi assim com Maria, que ao falar escolheu abordar as perdas financeiras de sua classe. Por isso ela traz para a narrativa uma sucessão de fatos acontecidos até que ocorresse a paralisação. Sua experiência não obedece a nenhum marco temporal externo, então ela vai e volta no tempo, porque há uma necessidade de atribuir sentido aos episódios narrados. Sob esse aspecto, os fatos relatados são aqueles considerados mais importantes para ela, ou, pelo menos agora, ao relembrar sua trajetória, ela os considera como os mais importantes. Está claro que sua narrativa remete a uma historicidade dessa luta, apontando todo um processo vivido e experimentado por si e seus pares e, portanto, a paralisação não surge como algo pronto e acabado, mas, ao contrário, faz parte de um processo partilhado por todos.

Outro fator muito mencionado pelos entrevistados diz respeito aos prêmios e benefícios a que os trabalhadores têm direito. O corte desses benefícios, ou a ameaça da empresa em cortá-los, foi o que faltava para que acontecessem as manifestações. Maria traz o assunto para a sua narrativa: “Lá tem [...] o prêmio de maio deles, só que a verdadeira palavra não é prêmio de maio, todo mundo sabe... é participação de lucro empresarial, uma coisa assim, né? Só que lá pra eles é prêmio de maio” (SILVA, 2009).

O grupo Coteminas, em seu Informativo do segundo trimestre de 2008, traz as categorias de premiação. São as seguintes:

Normal	01 a quatro anos consecutivos	R\$ 332,00
Especial	05 a 09 anos consecutivos	R\$ 996,00
Extra	10 a 14 anos consecutivos	R\$1.577,00
Super Extra	15 a 19 anos consecutivos	R\$1.992,00
S. E. Especial	acima de 20 anos consecutivos	R\$2.407,00

(INFORMATIVO COTEMINAS, abr/mai/jun. 2008).

Sobre esse prêmio, Maria continua relatando:

Quem tinha acesso a esse prêmio? Cê podia trabalhar 364 dias por ano, se você falhasse um, você perdia. Cê podia produzir 100% 364 dias por ano, se cê deixasse de ir um dia ou pegasse um atestado, você perdia. Aí lá vai Maria... 95, 96... brigava em 95, levava suspensão, ia pra casa, brigava mais chefe, brigava mais diretor, porque eu era terrível. Aí perdi 95, 96 eu não peguei, 97 eu não peguei, quando foi 98 eu peguei. Aí eu vim, 99, 2000, 2001, e a cada cinco anos o prêmio dobrava de valor, por exemplo: o primeiro ano era um... antes não era em dinheiro, era um prêmio avaliado em um salário mínimo, podia ser um fogão, mil tijolos, alguma coisa que chegasse ao valor de um salário mínimo. Só que era em bens materiais. Aí com cinco anos que cê trabalhasse sem faltar, sem pegar atestado esse prêmio ia pra três salários mínimos, que foi o que eu já tava pegando. Aí passaram... três anos aqui atrás eles começaram a pagar, acho que de 2005 pra cá eles começaram a pagar em dinheiro. Que todo mundo reclamou: ah não, eu já tenho sofá, eu já tenho mesa, eu já tenho geladeira, pra que que eu quero mais? Não, nós que o dinheiro. Aí eles resolveram pagar em dinheiro (SILVA, 2009).

Outra vez, ao falar sobre os prêmios e benefícios, Maria nos oferece uma visão muito mais ampla, que ultrapassa os muros da fábrica. Ela nos remete a uma historicidade da luta diária dos trabalhadores, ao enfatizar “nós fizemo a manifestação [...] reivindicano uma coisa que era nossa, não que eles dava pra nós, mas que nós lutava pra conseguir” (SILVA, 2009),

ao trazer à tona as constantes perdas, ao falar sobre como eram pagos os prêmios e como os próprios funcionários conseguiram que fossem pagos em dinheiro e não em bens; ao reavaliar a sua própria conduta dentro da empresa que prejudicava o recebimento dos prêmios. Tudo isso nos leva a entender a maneira como essas pessoas estão percebendo as suas vidas na cidade, como elas se relacionam no ambiente de trabalho e, por conseguinte, como constroem suas possibilidades de vida.

Nesses termos, a narrativa de Valdomiro é também significativa. Ele nos diz que “a premiação pra quem não falta e pegano com Deus pra não adoecer e atrasar, é boa viu?” (FERREIRA, 2008). Em seguida nos explica mais sobre como funciona e o quanto esses prêmios significam para ele:

Não é ruim não, porque igual agora mesmo, quem tem agora mais de dez anos igual é o meu caso, aí recebe o prêmio extra, o super-extra, é um dinheiro que ajuda demais, porque a gente... o salário... porque todo tanto que a gente ganhar é pouco, a gente sempre qué mais, mais só que, a gente já fica contando com um prêmio desses, igual pegou um piso por exemplo, é quando tá na época da gente receber, então é um dinheiro que vai somar dentro da casa da gente, principalmente quem tem filho... ajuda e muito (FERREIRA, 2008).

Através do seu jornal Informativo, a Coteminas explicita quais são as normas para o trabalhador ser premiado. De acordo com a empresa, “para ser contemplado, o trabalhador não pode, no período de 21 de março do ano corrente a 20 de março do ano seguinte, ter faltas, atestados, atrasos superiores a trinta minutos e penas disciplinares” (INFORMATIVO COTEMINAS, abr/mai/jun. 2008). Percebemos então que a lógica da empresa é a lógica do sistema capitalista. Mas a lógica do capitalismo, ainda que dominante, não é a única que age na sociedade: se, sob a perspectiva da empresa, as regras servem para disciplinar o trabalhador e consequentemente aumentar a sua produção, para Valdomiro, Maria, José Adão e tantos outros, mesmo conseguidos a custo de muito sacrifício, esses prêmios e benefícios significam uma possibilidade concreta de melhora de vida. As narrativas, portanto, nos mostram como esses trabalhadores invertem essa lógica capitalista. É igualmente importante notar que, ao falar sobre os prêmios, tanto Valdomiro quanto os outros trabalhadores não negam a exploração, ao contrário, eles a sentem com intensidade. Entretanto, quando se trata de questão financeira, entendem que “não é ruim não [...] todo tanto que a gente ganhar é pouco, a gente sempre qué mais” (FERREIRA, 2008). Essa narrativa é extremamente significativa, porque nos dá a dimensão de como esses trabalhadores estão enfrentando seus limites e de como buscam alternativas no seu dia-a-dia.

Para o senhor José Adão Cardoso, a premiação também foi importante. Atualmente aposentado, conta que trabalhou “vinte e tantos ano sem falta... depois que eu casei, nunca faltei, nunca peguei atestado, então esse que eu ia ganhá agora era completano vinte e seis prêmio” (CARDOSO, 2008). Aqui, uma indagação se faz necessária: o que move um homem a trabalhar durante vinte e oito anos sem nunca ter uma falta, nunca apresentar um atestado? É o próprio Senhor Dedé que nos fala sobre isso. Quando perguntamos sobre sua casa, imediatamente ele nos respondeu: “aqui tudo foi tirado de lá, esse barracãozim... nunca, nunca trabalhei noutra serviço, nem a carteira profissional eu tinha quando eu vim da roça, tirei pra assinar lá, em 80” (CARDOSO, 2008). Percebe-se então que, sob a ótica do trabalhador, mesmo se conseguidos com sacrifícios extremados, os prêmios são

significativos, são importantes, na medida em que indicam a possibilidade de realizar seus sonhos.

Os relatos do Senhor Dedé, assim como os de Maria, Valdomiro, e tantos outros, não nos mostram experiências iguais. Antes, porém, nos permitem vislumbrar um campo de possibilidades compartilhadas: ter uma vida melhor, o sonho de ter ou de terminar sua casa própria, de criar os filhos, assim como também compartilham a possibilidade de perder o emprego. As narrativas aqui expostas expressam a maneira como essas pessoas assimilaram ou resistiram às imposições do trabalho, sempre considerando os seus interesses. Acreditamos que, a partir disso, temos como compreender melhor as múltiplas dimensões de um social vivido e compartilhado.

A paralisação organizada pelos trabalhadores possui um sentido mais amplo que deve ser estendido às relações vividas fora da fábrica. Ela é importante na medida em que esses trabalhadores estão também lutando por melhores condições de vida na cidade, por saúde, por alimentação, por moradia, ou seja, por um pertencimento à cidade que os proporcione uma vida digna. É por isso que a paralisação não é somente a luta do trabalhador dentro da fábrica, ela é muito mais abrangente e de significado muito mais amplo.

Um dos objetivos deste texto é tentar compreender como os trabalhadores se posicionaram diante da greve com suas necessidades de vida e agora como reinterpretam essas experiências, considerando que uma greve ou mesmo uma paralisação, mesmo que parcial, não faz parte do cotidiano do trabalhador. Como já mencionamos anteriormente, a paralisação dos trabalhadores foi um momento importante. Contudo, mesmo tendo sido um movimento frágil, conseguiu alcançar seus objetivos imediatos, ou seja, a manutenção de todos os benefícios. Esse momento foi entendido e avaliado por cada um de maneira diferente, com muitos se posicionando a favor e outros contra. Na tentativa de compreender como essas pessoas encaravam esse momento de greve, foi possível entender as reflexões propostas por Thompson, quando ele ressalta que “homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida” (THOMPSON, 2007: 261). Assim, diante do movimento grevista, essas pessoas elaboraram um sentido para esse momento, tendo em vista suas necessidades. É por isso que cada pessoa compreende o movimento de uma maneira diferente, sempre considerando suas experiências. E que razões as pessoas têm para participar ou não de uma greve, ou até mesmo para dela discordar?

Diante da greve, não se trata somente de querer ou não. Existem outros fatores a serem considerados. Ao falar conosco sobre sua trajetória na Coteminas, Laurilene Aparecida Santos, Laura como é chamada por todos, nos fala com propriedade sobre os motivos que impedem muitos trabalhadores de participarem de um movimento como esse:

[...] é igual a gente sempre comentava, às vezes o procedimento da Coteminas com o funcionário é daquela maneira justamente por causa disso, porque as pessoas não tinham coragem de ir lá e brigar e lutar pelos seus direitos, porque, porque a gente até entende, muitos são pais de família, mães de família, só têm dali, né, tira dali o seu sustento, então às vezes a pessoa fica de pés e mãos atadas, porque se ela se rebela, se ela se revolta, ela vai pra rua, e lá fora têm pessoas que depende dela (SANTOS, 2008).

A narrativa expressa com clareza os limites e pressões a que todos os trabalhadores estão ou são submetidos. Para essas pessoas, antes de reivindicarem seus direitos é preciso considerar se continuarão ou não trabalhando. A maioria, como disse Laura, é composta por pais e mães de família cuja necessidade de viver e a responsabilidade de alimentar os filhos devem ser consideradas primeiramente e isso certamente influi no cotidiano dessas pessoas.

Jaqueline Souza, funcionária de uma das unidades do grupo Coteminas, ressalta que a movimentação dos trabalhadores surgiu como um período tumultuado, mas que logo foi contornado: “no início a confusão por causa de greve, essas coisa assim, mas porque eles iam cortar benefício” (SOUZA, 2008). Assim como Jaqueline, Laura refere-se à greve como um momento de dificuldades e também de confusão, “mas agora com esse problema que teve aí, que tava essa confusão toda, que... eles tão, até parece querendo diminuir o valor desses prêmio” (SANTOS, 2008). Ela segue ressaltando que:

A questão [...] da greve dos funcionários, que era justamente por causa disso aí, que eles tava querendo cortar, igual além desse prêmio, né, que eles chamam de prêmio de assiduidade, tem as duas feira, tem o valecard, tem convênio médico, tem Unimed, tem a escola pros filhos dos funcionários, é tem o vale gás, que é o convênio com o gás, tem o transporte, tem a alimentação, mais é igual eu tô falando pra você, lá é assim, lá eles dão com uma mão... eles dão também o material né, todo ano tem um valor x que você comprar até aquele limite que a firma te oferece ela num desconta, acho que é a única coisa também. O maior motivo dessa revolta toda dos funcionários que inventaram essa greve, eu pra mim, no meu modo de pensar, foi por isso, porque assim, se você falta um dia, você tem que dá satisfação pra empresa, se você atrasou um minuto, você tem chegar lá, você tem que se explicar, e porque a empresa não pode vir até você e explicar: ó nós vamos fazer isso... nós tamo reduzindo os gasto, nós tamo cortando isso, tamo cortando aquilo por tal motivo. Não! E lá eles tomam as decisões entre eles e simplesmente te comunica, agora se você aceita ou não, isso aí é um problema do funcionário, é tipo assim: nós estamos comunicando, agora a opinião suas não interessa (SANTOS, 2008).

Ao narrar e formular a sua interpretação sobre o que aconteceu, Laura expressa toda a sua indignação para com a Coteminas. E, mais, ela reconhece que o social impõe limites e exerce pressões, porque um pai de família não tem condições de “ir lá e brigar e lutar pelos seus direitos” (SANTOS, 2008), pois, ela relata, essa também é a sua condição, é a condição de seu esposo que também trabalha na unidade Cotenor:

É complicado viu... ajuda muito assim, igual meu marido trabalha lá, agora eu tô parada, meu sustento vem é de lá, o sustento dos meus filhos vem de lá, o aluguel da casa que a gente paga, mais é complicado, muito complicado mesmo, as vez a gente aguenta porque precisa, porque se num precisasse. (SANTOS, 2008).

Temos então que a luta acontece conforme as condições do momento, de acordo com as possibilidades de cada trabalhador. Durante a narrativa de Laura, percebemos – em alguns momentos pelo seu silêncio, em outros pelo tom de sua voz – um profundo ressentimento ao expor os limites enfrentados quando de sua gravidez: “E a hora que cê precisa? Não tem farmácia, não tem feira, não tem vale, não tem nada” e ainda explica que “a feira? Porque cê não tá trabalhando, cê tá dentro de casa, cê não tá tendo condições de

trabalhar, a farmácia porque geralmente cê sai do hospital com uma receita” (SANTOS, 2008). Assim, sua narrativa aponta as muitas dimensões de um social tenso que é vivido e compartilhado, com seus limites e pressões:

é o momento que cê mais precisa da empresa [...] e o único lugar onde cê pode recorrer é onde cê trabalha, e aí? E a hora que cê precisa? Não tem farmácia, não tem feira, não tem vale, não tem nada [...] eu acho isso um absurdo, pois era bem nesse momento que cê mais precisava” (SANTOS, 2008).

Lidar com as fontes, sejam elas orais ou escritas, requer do historiador um alerta constante. Ao conversar com os entrevistados, estamos sempre aprendendo e, no momento da entrevista, não são somente as palavras que ganham sentido. Os silêncios, os gestos, a expressão de dor ou de alegria, de ressentimento, o tom de voz nos dizem muito mais. Ao falar sobre o momento em que resolveram levar adiante a paralisação, Maria segue o mesmo posicionamento de Laura. As lembranças trazem à tona momentos que causam indignação:

Aí nesse dia, isso foi dia 30, foi dia 28 de maio de 2008, chamou na sala e deu essa notícia. Mais antes deles chamar nós e avisar tem a tal da rádio pioneira, né, que um fica sabendo e fica espalhando e fica comentando... Não! Se acontecer isso, nós vão parar, vão parar esse trem. [...] Aí teve esse aviso de corte. Entregaram pra nós o cartão substituindo o sacolão. Aí todo mundo endoidou, falou: puta... agora nós vão pagar pra trabalhar, nós vão passar fome e virou aquele blá-blá-blá dentro da empresa [...]. Porque eu acho assim... quando... atrás de um bom funcionário, atrás de um bom tecelão tem que ter um bom técnico, atrás de um bom técnico tem que ter um bom diretor dentro da empresa. Quando não tem essas coisa, acontece o que aconteceu, porque não teve um diálogo, não teve uma conversa, cê tá entendendo? Um diretor... já pensou um diretor que chega procê e fala: não, cortou está cortado, quem manda aqui sou eu, se eu quiser fechar a porta daqui amanhã eu fecho. Infelizmente, nem dentro da sua casa você pode fazer isso hoje, e foi o que nós ouvimos. Isso aí que criou a guerra, porque se ele fosse um pouco mais inteligente, assim como um diretor deve ser, estudado e formado, ele não poderia jamais ter falado aquilo nem com um cachorro, ainda mais nós que tinha treze ano que trabalhava lá dentro, outros tinha dezessete, outros tinha vinte, outros tinha três anos, outros tinha acabado de entrar, cê tá entendendo? Mas eu acho que ele tinha que olhar assim... então ele simplesmente desvalorizou a classe nossa. Diz que a corda arrebenta do lado mais fraco, arrebenta mesmo, mas com certeza dá uma puxadinha... dá ao menos uma puxadinha na mais forte e foi o que aconteceu. Aí deu no que deu, só que nunca existiu greve, teve uma manifestação, e a manifestação acabou virando só confusão (SILVA, 2009).

Os depoimentos sobre a paralisação evidenciam o caráter contraditório desse momento. Ao exporem suas interpretações sobre a greve, os trabalhadores constroem um sentido que ultrapassa a paralisação em si e deixam transparecer elementos muito mais significativos que expressam, como já foi dito, uma luta muito maior e mais ampla. É uma luta por melhores condições de vida na cidade, por um tratamento de saúde decente, por alimentação, por dignidade, por reconhecimento dentro da empresa, por moradia. As muitas opiniões emitidas sobre a greve expressam a forma como esses trabalhadores estão se percebendo na cidade e como estão construindo as suas possibilidades de vida, disputando um espaço nessa sociedade.

Daí temos que a experiência humana é composta de valores, de sentimentos, de perdas, de derrotas, de comportamentos. Ela é vivida e construída socialmente e, muitas vezes, como nos disse Laura, “a gente aguenta porque precisa, porque se num precisasse”. Assim, as pessoas se submetem às piores condições possíveis para poder proporcionar uma melhor condição para sua família ou mesmo para si. Mas há momentos em que os trabalhadores, mesmo em situações desfavoráveis, impõem limites e exercem pressões sobre o empregador. Ao se referir à paralisação, Maria ressalta que: “a corda arrebenta do lado mais fraco, arrebenta mesmo, mas com certeza dá uma puxadinha... dá ao menos uma puxadinha no mais forte e foi o que aconteceu” (SILVA, 2009).

Mas é preciso levar em conta que, além de cada trabalhador ponderar seus próprios impedimentos, existem também aqueles que discordam da greve, que são contrários, mesmo sendo trabalhadores e tendo a mesma condição dos demais. Situações como essa nos permitem compreender que a classe, como diz Thompson, é um fenômeno que se faz em meio a contradições, em função daquilo que pensam as pessoas nela inseridas.

Os problemas enfrentados por cada sujeito estão presentes em todos os momentos de sua vida, seja no trabalho ou fora dele. A fábrica é só mais um momento da vida, e, neste ambiente, as relações também são intensas, em uma época em que as relações de trabalho estão constantemente se transformando, em que novos ingredientes são apresentados: qualidade total na produção, metas a serem atingidas. Tudo isso exige de cada trabalhador um esforço e um comprometimento extra para garantir sua permanência no trabalho e ter acesso aos prêmios. Todos esses elementos fazem parte da vida dessas pessoas, fazem parte do seu presente e é com base nisso que projetam seu futuro.

Quando nos propomos trazer à tona trajetórias e memórias de trabalhadores, estamos comprometidos em pensar a articulação entre “trabalho, sociedade, classe, dominação e exploração, cotidiano, educação, família, religião” (FENELON, 1984: 21-36). Dessa forma, como ensina a professora Déa Fenelon, estamos ampliando a noção de política e pensar essas articulações nos possibilita abranger todo o campo da luta de classes em suas múltiplas formas e instâncias, que vai desde a luta política organizada até as lutas específicas, que acontecem em diversos setores e em momentos vários. Ampliar a noção de política significa ir além dos partidos, dos processos eleitorais, das lideranças, para compreender os propósitos, os objetivos e interesses por meio dos quais a sociedade é organizada e governada (FENELON, 1984: 21-36).

Seguindo esse caminho, tentamos mostrar um pouco de como os vários sujeitos sociais interpretaram um momento importante em suas vidas, a saber, a paralisação. Contudo, extrapolando a manifestação ocorrida dentro da fábrica, esses trabalhadores vivem e transformam as relações sociais na cidade como um todo. A greve e a manifestação foram somente mais um momento de uma vida que é muito mais do que podemos ver em situações como essas. Nesse sentido, descortinar os modos de vida significou ir além e tentar perceber como essas pessoas estão lidando com as transformações de uma sociedade profundamente desigual e como constroem suas possibilidades de vida.

Poderíamos dizer que o trabalho norteia a vida dessas pessoas. Mas os relatos nos mostraram que é por conta da condição de desigualdade partilhada por eles que o trabalho surge como o elemento norteador de suas vidas. O trabalho aqui se apresenta como uma necessidade de vida, de sobrevivência, e é através desse trabalho que as esperanças de uma vida melhor e mais digna são renovadas diariamente: quando entram nos ônibus da empresa

e seguem para as fábricas, quando ligam as máquinas e iniciam a produção. Muitas vezes com o coração apertado por conta do filho que ficou em casa doente, ou com a sua saúde debilitada, ou ainda exaustos pelo trabalho realizado no dia anterior, enfim, com sacrifícios vários, mas justificados pela necessidade premente de não perderem os prêmios, porque é também com estes que os projetos se tornarão possíveis.

Por isso buscamos nas memórias desses sujeitos resquícios de suas vivências, de suas lutas para conseguirem na cidade o seu espaço, e o que encontramos foi um social que se apresentou de forma ampla e contraditória. Um social que nos indica diferentes formas de luta cotidiana enfrentadas pelos sujeitos sociais na disputa pelo direito à cidade. Foi observando esse social, complexo, diverso, amalgamado e contraditório que compreendemos como os sujeitos se fazem como classe. Principalmente porque esse fazer-se acontece nas relações humanas, com interesses comuns e contraditórios.

Fontes

AUDIÊNCIA na câmara para discutir demissões na Coteminas. **O Norte.net**, Montes Claros. 14 fev. 2008. Política. Disponível em: <http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111>. Acesso em: 7 set. 2009.

BRASIL, E. Demissões da Coteminas chegam a Brasília. **O Norte.net**, Montes Claros. 16 fev. 2008. Política. Disponível em: <http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111>. Acesso em: 7 set. 2009.

_____. Sessão especial na Câmara Municipal deixa clara posição de empresa no processo de demissão coletiva. **O Norte.net**. Montes Claros, 16 fev. 2008. Política. Disponível em: <http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111>. Acesso em: 7 set. 2009.

CASTANHEIRA, J. **Coteminas vai aos EUA**: como e porque a companhia brasileira uniu-se com a americana Springs. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoedinheiro/423/negocios/coteminas.htm> Acesso em 07 set. 2009.

Coteminas ameaça demitir. Trabalhadores ocupam sindicato. 30 jan. 2009. Disponível em <http://ramonjrfonseca.blogspot.com/2008/06/coteminas-ameaa-demitir-trabalhadores.html>. Acessado em 04 jun. 2009.

RICCI, Rudá. **O fim dos movimentos sociais brasileiros**. 20 out. 2009. Disponível em <HTTP://www.viomundo.com.br/voce-escreve/ruda-ficci-o-fim-da-era-dos-movimentos-sociais/>. Acessado em 13 jan. 2010.

Entrevistas

Jaqueline Ramos de Souza: nasceu em Montes Claros no ano de 1968. Trabalha no grupo Coteminas desde 1998. É separada e tem dois filhos. Mora no bairro Sagrada Família.

Joanes Pereira: nasceu em Cruzeiro do Sul no Paraná no ano de 1959. Em 1974 seus pais resolveram voltar para Coração de Jesus no Norte de Minas, de onde haviam saído na década de 1950. Joanes chegou a Montes Claros em 1977. Trabalha no grupo Coteminas desde então, onde se aposentou. É casado e pai de três filhos. Mora no bairro Eldorado, região do grande Santos Reis.

José Adão Cardoso: [Seu Dedé] nasceu na Fazenda Cabeceiras no município de Montes Claros no ano de 1944. É casado e tem três filhos. Trabalhou no grupo Coteminas de 1980 a 2008. Atualmente é aposentado. Mora no bairro Nova Morada, região do grande Santos Reis.

Laurilene Aparecida Santos: nasceu em Montes Claros no ano de 1982. Trabalhou no grupo Coteminas de 2003 a 2008. É casada e tem dois filhos. Atualmente está desempregada. Mora no bairro Monte Carmelo. O seu esposo também trabalha no grupo Coteminas.

Maria dos Santos Silva: nasceu em Claro dos Poções, município do Norte de Minas, no ano de 1976. Chegou a Montes Claros no ano de 1995. Trabalhou no grupo Coteminas de 1995 a 2008. Tem uma filha e mora com o seu companheiro no bairro conjunto Joaquim Costa, região do grande Maracanã. Atualmente faz costuras em sua casa.

Valdomiro Ferreira: nasceu em Montes Claros no ano de 1965. Trabalha no grupo Coteminas desde 1996. É casado e tem dois filhos. Mora no bairro Santo Antônio.

Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto. “Cada um tem um sonho diferente”: Histórias e narrativas de trabalhadores no movimento de luta pela terra. *In*: MACIEL, Laura Antunes; (et all) **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’água, 2006. p. 44-60.

_____. Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (et all) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005. p. 139-154.

_____. Os trabalhadores e a cidade: reflexões sobre o uso das fontes orais. *In*: PORTELLI, Alessandro; (et all). **Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos**: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009, 140 p. (Tempos Históricos).

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. **Industrialização da área mineira da SUDENE**. Um estudo de caso: Montes Claros. Montes Claros: Editora Unimontes, 2008. 128 p.

CHALHOUB, Sidney. Zadig e a história. *In*: **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: 1990, p. 17-28.

CRUZ, Heloísa de Faria E. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana, 1890-1915. São Paulo: EDUC, 2000.

FENELON Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e história social: perspectivas de investigação. *In*: **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, n.5, 1984.

_____. O Historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? *In*: **História e perspectivas**. Uberlândia, n. 6, p. 5-23, jan/jun. 1992.

_____. (org.) Cidades. **Programa de Estudos Pós-Graduados em História**. Série Pesquisa em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Olho D’água, 1999.

_____. et all. (org.). Muitas memórias, outras histórias. *In*: **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005, p. 5-13.

FRANÇA, Iara. **A cidade média e suas centralidades**: o exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Centro de Ciências Humanas e Artes. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: **Mitos, emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 143-179.

HOBSBAWM, Eric. Da História social à história da sociedade. *In*: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JOHNSON, Richard. DAWSON, Graham. Memória Popular: Teoria, Política, Método. *In*: FENELON, Dea Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (et all) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005. p. 282-295.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. *In*: FENELON, Dea Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (et all) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005.

_____. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. *In*: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara. (org.) **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'água, 2006, p. 22-43.

OLIVEIRA, Evelina Antunes Fernandes de. **Nova cidade, velha política: poder local e desenvolvimento na Área da Sudene**. Maceió: EDUFAL, 2000.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. *In*: OLIVEIRA, M. F. M. (et all) **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Unimontes, 2000, p. 13-103.

PEREIRA, L. M. **A cidade do favor: Montes Claros em meados do século XX**. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2002.

PORTELLI, Alessandro. "O momento da minha vida": funções do tempo na história oral. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (et all) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2005. p. 296-313.

_____. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. *In*: **História e Perspectivas**. Uberlândia, (25 e 26): 9-26, jul./dez. 2001/jan./jun. 2002. Cursos de História e Programa de Mestrado em História.

_____. História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. *In*: **História e Perspectivas**. Uberlândia, (25 e 26), jul./dez. 2001/jan./jun. 2002. Cursos de História e Programa de Mestrado em História.

_____. O que faz a história oral diferente. Projeto História. São Paulo, nº14. **Programa de Pós-Graduação em História**, 1997.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do Trabalho e experiência urbana. *In*: **Revista Tempo Social**. USP, vol 18, n. 1, p. 173-195.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de adão**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 2, 1987.

_____. **A formação da classe operária inglesa: árvore da liberdade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1987.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. *In*: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 341-364, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1979.

Artigo recebido em 04/05/2010

Artigo aceito em 14/07/2010